
O TRABALHO DOCENTE EM TEMPOS COVID-19 E VARIANTES: ESTUDO SOBRE OS EFEITOS DA PANDEMIA NO TRABALHO DO/A PROFESSOR/A DE SOCIOLOGIA

TEACHING WORK IN COVID-19 TIMES AND VARIANTS: study on the effects of the pandemic on the work of the sociology teacher

TRABAJO DOCENTE EN COVID-19 TIEMPOS Y VARIANTES: estudio de los efectos de la pandemia en el trabajo del profesor de sociología

Jorge Lucas de Oliveira Dias¹

<http://lattes.cnpq.br/931349441910001>
<https://orcid.org/0000-0002-1463-0877>

Luciano Magnus de Araújo²

<http://lattes.cnpq.br/7192215216270270>
<https://orcid.org/0000-0001-7565-4672>

RESUMO: Este estudo busca analisar os efeitos da pandemia causada pela doença Covid-19 e variantes no trabalho do/a professor/a de Sociologia do ensino médio que atua na cidade de Macapá-AP. Tendo em vista que o/a trabalhador/a docente é um/a dos/as principais agentes socioeducacionais de uma sociedade, vislumbrou-se compreender como se realizam as suas atividades de trabalho em tempos pandêmicos. Estamos, portanto, diante de uma contextualizada contribuição nos estudos amazônicos, haja vista que este estudo foi realizado em Macapá, capital do Estado do Amapá. A proposta teórica-metodológica deste estudo desenvolveu-se a partir das pesquisas qualitativa e quantitativa, buscando traçar um perfil do/a docente por meio de entrevista por questionário on-line, avaliando suas perspectivas, somando aos conceitos de trabalho, enquanto categoria social, trabalho docente no ensino médio e reflexões sobre a tragédia causada pela Covid-19 e variantes. Nesse sentido, almejou-se apresentar a realidade de trabalho dos/as docentes entrevistados/as em meio ao caótico cenário de pandemia, que interferiu diretamente tanto no ensino, como no processo de aprendizagem do meio educacional. Para tal discussão lançou-se mão de alguns aportes teóricos, tais como: Frigotto (2010), acerca do conceito de trabalho enquanto princípio educativo; Godinho (2019), sobre os sentidos do trabalho

¹ Estudante do curso de Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Amapá (Unifap). Mestre em Educação (Unifap). Especialista em Ensino de Sociologia (UEL). Licenciado em Sociologia (Unifap). Atua como professor na educação básica e superior no estado do Amapá. E-mail: jorgelucas.ap@gmail.com

² Docente Permanente do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - ProfSocio/UNIFAP. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Graduado em Ciências Sociais (Antropologia) pela UFRN. Coordenador do Núcleo de Antropologia Visual, da Imagem e do Som, Linguagens, Memória e Identidade (NAIMI).

docente; Caponi (2021), sobre os negacionismos e tempos de pandemia; Souza (2020), Alves e Faria (2020), sobre contextos de pandemia e educação; dentre outros.

Palavras-Chave: Trabalho Docente; Sociologia; Pandemia; Covid-19; Macapá.

ABSTRACT: This study seeks to analyze the effects of the pandemic caused by the Covid-19 disease and its variants in the work of the high school sociology teacher who works in the city of Macapá-AP. Considering that the teacher worker is one of the main socio-educational agents in a society, it was possible to understand how their work activities are carried out in pandemic times. We are, therefore, facing a contextualized contribution in Amazonian studies, given that this study was carried out in Macapá, capital of the State of Amapá. The theoretical-methodological proposal of this study was developed from qualitative and quantitative research, seeking to draw a profile of the teacher through an online interview, evaluating their perspectives, adding to the concepts of work, as a social category, teaching work in high school and reflections on the tragedy caused by Covid-19 and its variants. In this sense, the aim was to present the work reality of the interviewed teachers amidst the chaotic pandemic scenario, which directly interfered both in teaching and in the learning process in the educational environment. For this discussion, some theoretical contributions were used, such as: Frigotto (2010), about the concept of work as an educational principle; Godinho (2019), on the meanings of teaching work; Caponi (2021), on denials and pandemic times; Souza (2020), Alves and Faria (2020), on pandemic contexts and education; among others.

Keywords: Teaching Work; Sociology; Pandemic; Covid-19; Macapá.

RESUMEN: Este estudio busca analizar los efectos de la pandemia provocada por la enfermedad Covid-19 y sus variantes en el trabajo del docente de sociología de secundaria que trabaja en la ciudad de Macapá-AP. Considerando que el trabajador docente es uno de los principales agentes socioeducativos de una sociedad, fue posible comprender cómo se desarrollan sus actividades laborales en tiempos de pandemia. Estamos, por tanto, ante un aporte contextualizado en los estudios amazónicos, dado que este estudio se realizó en Macapá, capital del estado de Amapá. La propuesta teórico-metodológica de este estudio se desarrolló a partir de una investigación cualitativa y cuantitativa, buscando trazar un perfil del docente a través de una entrevista en línea, evaluando sus perspectivas, sumando a los conceptos de trabajo, como categoría social, el trabajo docente en el bachillerato. y reflexiones sobre la tragedia provocada por Covid-19 y sus variantes. En este sentido, el objetivo fue presentar la realidad laboral de los docentes entrevistados en medio del caótico escenario pandémico, que interfirió directamente tanto en la enseñanza como en el proceso de aprendizaje en el ámbito educativo. Para esta discusión se utilizaron algunas aportaciones teóricas, tales como: Frigotto (2010), sobre el concepto de trabajo como principio educativo; Godinho (2019), sobre los significados del trabajo docente; Caponi (2021), sobre negaciones y tiempos de pandemia; Souza (2020), Alves y Faria (2020), sobre contextos pandémicos y educación; entre otros.

Palabras-Clave: Trabajo Docente; Sociología; Pandemia; COVID-19; Macapá.

INTRODUÇÃO

As influências do Covid-19 e variantes já são sentidas e vivenciadas em todos os contextos da vida social. Depois de mais de um ano de sua presença entre nós modificou entendimentos, práticas, trouxe novas palavras para nosso vocabulário, rotinas e medos. No contexto da educação não seria diferente. A pandemia nos fez constituir outras formas de tratar a educação, suas práticas e dinâmicas. O que antes era composto, em sua maioria, de encontros entre pessoas em ambientes físicos, de forma presencial, hoje nos exige distanciamentos, virtualidades e domínios com outros instrumentos e temporalidades.

Onde antes vivamos as suscetibilidades das jornadas de trabalho em compartilhamentos nos ambientes conhecidos da escola, nas salas de aula e corredores, hoje a impessoalidade do ambiente do trabalho invade a casa, o lar, remotamente, sem nem mesmo conseguirmos ver muitas vezes os rostos de nossos interlocutores.

No que antes éramos sujeitos ativos em nossas jornadas de ensino no encontro de outros sujeitos do dia-a-dia do fazer educacional, que não se resumia a aula e seus aspectos lúdicos, mas a relação de empatia pela convivência próxima, hoje nosso exercício de empatia está mediado por condicionantes de acessos, ausências, perdas, medo, instabilidades, imprevisibilidades, sobrecargas, carências estruturais e cansaços.

A presente pesquisa é uma colaboração no sentido de ampliar os campos de discussão na relação educação e o contexto de pandemia do Covid-19 e variantes, destacando o trabalho docente em Sociologia no ensino médio, como norteador de problematizações e a partir de percepções, vivências e diagnósticos, em tempos de incertezas e isolamentos. Aqui as falas desses profissionais de educação são a tônica dos desafios que estamos vivenciados e quais estratégias estão sendo desenvolvidas nos mais diversos contexto e possibilidades.

Nesse sentido, objetivou-se analisar e apresentar o cenário de trabalho do/a professor/a de Sociologia no ensino médio, em meio à pandemia de Covid-19, na cidade de Macapá-AP, como uma importante capital brasileira situada em meio ao território amazônico. Buscando relatar as perspectivas dos/as próprios/as professores/as sobre situação de trabalho docente, desdobramentos e cenários específicos de suas atuações em meio ao trágico cenário social e de saúde que o mundo enfrenta.

A temática central deste estudo, corresponde a análise sobre o trabalho docente em sociologia, em meio a pandemia de Covid-19. Desse modo, faz-se necessário, abordar também sobre o conceito de trabalho: “[...] processo pelo qual o ser humano entra em relação

com as condições objetivas de sua produção, e por sua ação [...] transforma e modifica a natureza para produzir-se e reproduzir-se, fundamento do conhecimento humano e princípio educativo [...]” (Frigotto, 2010, p. 243). Em abordagem clássica, destaca-se o reconhecido teórico alemão Karl Marx (1818-1883), como um dos precursores do estudo sobre o Trabalho enquanto categoria social, haja vista que para Marx: “O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza [...]” (Marx, 2017, p. 255-256).

Em caráter contemporâneo, entende-se que as transformações ocorridas neste conceito/categoria vão para além das necessidades de sobrevivência e/ou exploração da natureza: “o trabalho pode ser definido como o exercício de uma atividade vital, capaz de plasmar a própria produção e a reprodução da humanidade, uma vez que é o ato responsável pela criação dos bens materiais e simbólicos socialmente necessários para a sobrevivência da sociedade [...]” (Antunes, 2011, p. 432-433).

Afirma-se, então, que o trabalho docente é uma das ramificações do conceito de trabalho, com significativa relevância para o cenário socioeducacional, haja vista que os/as professores/as, constituem-se como atores e agentes sociais que movimentam, que desenvolvem os processos de ensino e aprendizagem, construindo assim, novos caminhos para as transformações da sociedade a partir da educação. Entende-se este tipo de trabalho como “[...] uma atividade laboral que requer habilidades, competências e qualificações ligadas às interações humanas, à capacidade de contextualização do saber dialógico, aos territórios, à recusa de dicotomização entre o fazer e o pensar, em suma uma ação focada na ressignificação constante da prática e da teoria. [...]” (Godinho, 2019, p. 18).

Importante apontar que os cenários da pandemia em contextos educacionais encontram esse/a professor/a ainda não exatamente sintonizado com os usos das tecnologias que hoje protagonizam a mediação de conhecimentos. Em relação a esses professores e professoras foi e é exigido estrutura e conhecimento agora sobre como trabalhar em ensino remoto, como foi convencionalizado o processo, na maioria das vezes com trabalhos que sobrecarregam até mais o tempo ocupado as atividades de planejamento, ensino e respostas a demandas relacionadas (Alvez, Faria, 2020).

Por outro lado, o entendimento de Educação a distância (EaD) e Ensino Remoto seguem em desacordo, tendo em vista que a segunda não passou por processos de preparação, professores e professoras, não amplamente, passaram por qualificações que contemplem trabalhar num modelo de educação fundamentado por Tecnologias da Informação e

Comunicação (TICs). Até então as tecnologias usuais eram o quadro, o livro didático e a oralidade em sala de aula (Souza, 2020).

DESENVOLVIMENTO: APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO, RESULTADOS E REFLEXÃO

Considera-se, nesse estudo, a importância de enfatizar-se sobre o Mundo do Trabalho, acerca da relevância dos/as trabalhadores/as docentes nesse contexto em que a situação de pandemia agrava ainda mais, as crises da composição social, da realidade brasileira. Essas crises, de cunho político, econômico e social afetam diretamente o cenário educacional em que está inserido/a o/a professor/a.

Vale ressaltar aqui, a compreensão sobre trabalho docente:

O trabalho docente concebido como uma *unidade* é considerado em sua totalidade que não se reduz à soma das partes, mas sim em suas relações essenciais, em seus elementos articulados, responsáveis pela sua natureza, sua produção e seu desenvolvimento. A análise do trabalho docente, assim compreendido, pressupõe o exame das relações entre as condições subjetivas – formação do professor – e as condições objetivas, entendidas como as condições efetivas de trabalho, englobando desde a organização da prática – participação no planejamento escolar, preparação de aula etc. – até a remuneração do professor [...] (Basso, 1998, p. 02)

Nesse sentido, acredita-se na importância de estudar as condições e relações de trabalho docente, com ênfase para o período sócio-histórico de desvalorização da educação, o impacto disso na vida e no labor docente. Nesse sentido, reafirma-se a perspectiva de que “ser docente se faz no processo, pois que o diploma não confere a experiência social que esse emaranhado proporciona, de modo que *ser* docente é, antes de tudo, *fazer-se* docente” (Oliveira, 2016, p. 32, grifo da autora).

A pandemia trouxe cenários inesperados para os contextos educacionais. Professores/as, alunos/as e demais profissionais que compõem os cenários de ensino não poderiam esperar prontidão para tais séries de eventos. Nesse sentido, é importante que pesquisas aconteçam que apresentem, ilustrem, tragam à luz as mais diversas maneiras e desdobramentos sobre como esses sujeitos da educação, em especial aqui os profissionais de Sociologia, estão vivenciando o mundo em pandemia, pensando e agindo no agora e já construindo projeções.

A pesquisa é desenvolvida num presente contínuo, se assim podemos estabelecer um recorte discursivo. Essa realidade de uma pesquisa se desenvolvendo tem em vista que estamos ainda captando resultados de depoimentos e vivências sobre processos pedagógicos e

vivências no cenário que a pandemia nos trouxe por intermédio de onipresente ferramenta de pesquisa *Google Forms*.

Assim podemos dizer que os resultados aqui apresentados são recortes do desenho da pesquisa que ainda tem continuidade. A decisão de mantermos no ar o formulário tem como meta alcançarmos mais sujeitos atuantes em seus campos e até mesmo tendo em vista atualizações na dinâmica que as vivências que os cenários de pandemia repercutem, assim o que está posto de um mês para outro, entre planejamentos e práticas, dos sujeitos da pesquisa aqui em andamento, em momentos outros, podem se modificar.

O formulário do Google Docs foi publicado no dia 10 de maio de 2021. Até agora a pesquisa contempla seis adesões, o questionário. Nessa perspectiva, a proposta teórico-metodológica deste estudo em andamento, consiste nas pesquisas qualitativas e quantitativas, haja vista a realização de entrevistas, por questionários on-line, com os/as profissionais, foco desse estudo. Para esse desenho metodológico levamos em consideração entrevistar pelo menos 10 docentes de Sociologia, atuantes do ensino médio de Macapá-AP, tendo em vista mapear e identificar aspectos que caracterizam o que é ser professor nesse contexto de pandemia, quais estratégias são desenvolvidas nesse tempo de mediações tecnológicas, como descrever as jornadas de trabalho e problematizações sobre a saúde mental desses profissionais.

É preciso que seja feito um comentário de passagem sobre a dinâmica da pesquisa. Ainda que a mencionada onipresença da ferramenta disponibilizada pela suíte de aplicativos *online* da empresa Google seja de praticidade e manuseio em questão de *survey* de pesquisa, há que levar em consideração a necessidade de adesões. Os sujeitos da pesquisa atualizam, nesse contexto de possibilidades de pesquisa, certamente, novos problemas de interesse, disponibilidade e verossimilhança, nesse sentido surgem outras demandas e desafios para os planejamentos. Em geral, formulários, nessa ferramenta, são constituídos tendo como um dos pontos de adesão a inclusão de nomes completos dos participantes e de um e-mail válido, após isso, seguem os processos de respostas.

Mas antes disso, é preciso que se diga, há no cronograma de planejamento da pesquisa a sensibilização dos participantes, e nisso as redes sociais e os emails são nossos campos a serem desbravados. A dúvida metodológica se situa sobre a quem chega o compartilhamento do *link*, criado para divulgar o formulário de pesquisa, quem se dispõe a ver a chamada da sondagem no resumo de abertura e conseqüentemente doa um tanto do tempo no

preenchimento. Esse contexto revela processos não exatamente otimistas sobre os desafios que de certa forma fazem parte da pesquisa em tempos de pandemia.

E aqui teríamos algumas questões: nesse ambiente qual amostra seria significativa de atenção quando nos referimos aos retornos de formulários? É possível validar poucas respostas quando vasta divulgação foi feita ou mesmo já ser realista e abortar a pesquisa como processo fracassado? Ou o recurso da continuidade, entendendo que, diferentemente da pesquisa presencial, no corpo-a-corpo, a virtualidade nos lega o desafio do alcance da impessoalidade pela insistência, ainda que tantos pesquisadores e pesquisadoras estejam usando o mesmo recurso? De toda forma, o que aqui será apresentado é um recorte da pesquisa que ainda continua, buscando alcançar grupos, perfis públicos e privados das redes sociais tentando conquistar informantes, parceiros de pesquisa. Nada novo, mas com novos arranjos, novas perspectivas socioeducacionais.

Nesse sentido, relata-se aqui, também, as dificuldades de coletar dados, tendo em vista que o contexto de pandemia impossibilitou alguns diálogos e aproximações, ainda que virtuais, devido ao cenário catastrófico de tantas perdas e tristezas. Ainda assim, considerando que o estudo continuará em andamento, pensa-se em entrevistas que seguem a dinâmica igualmente trabalhada virtualmente e, quando possível, acompanhar nas plataformas de ensino remoto as atividades educacionais.

Dos 6 (seis) questionários consolidados até agora, temos alguns direcionamentos para entendermos como estão as vivências e práticas nos ambientes de ensino remoto de Sociologia no ensino médio na cidade de Macapá, campo de nossa pesquisa. Em relação a configuração de um perfil identificador dos/as 6 (seis) professores/as entrevistados/as até o presente momento, tem-se os seguintes dados de autodeclaração: 1) Gênero: 2 professoras do gênero feminino e 4 do autodeclarados masculinos; 2) Idade: Estão na faixa etária de “31” a “mais de 50 anos”; 3) Quantidade da instituições em que desenvolvem suas atividades de trabalho: todos/as declararam que trabalha em apenas uma escola; 4) natureza da instituição: 5 participantes atuam na rede pública estadual do Amapá, todos/as residentes e atuantes na cidade de Macapá, e apenas um, declarou que atua na rede privada de ensino.

A pergunta aberta sobre **como está sendo a sua experiência com as aulas remotas?** Abre nosso campo de discussões e cruzamentos de dados na relação das perspectivas qualitativas e quantitativas. Das seis respostas a esse questionamento temos as seguintes falas:

“Cansativa, nem todos os alunos têm acesso à rede e quando tem é superficial, sem conhecimentos de informática básica.”

“Constante aprendizado.”

“Um pouco frustrante.”

“No começo foi bastante difícil por não saber lidar muito bem com as tecnologias e adaptação ao novo ritmo de trabalho.”

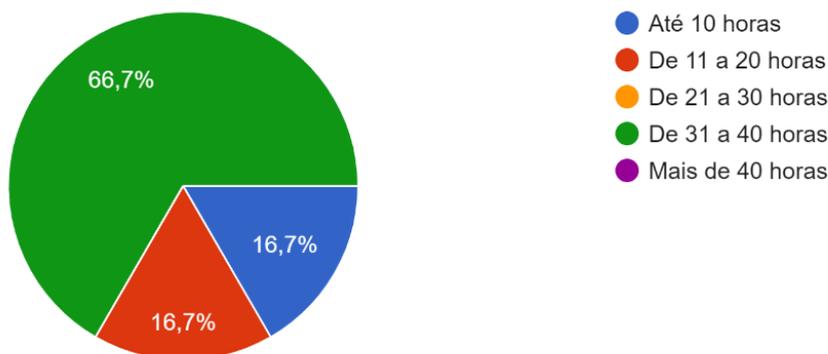
“Estou em adaptação, aprendendo a cada dia.”

“As aulas de modo remoto e híbrido, estão sendo de péssima qualidade, pela escassez ao meio de comunicação, perante a essa questão, a educação está sofrendo uma evasão ao ensino básico, consequências entre a mediação entre professor e aluno no ambiente educacional.”

Gráfico 1 – Carga horária trabalhada

Qual a sua carga horária de trabalho semanal na rede de ensino em que atua?

6 respostas



Fonte: Gerado pelo Google Formulários – <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

Quando cruzando as informações sobre carga horária de atividades semanais (Gráfico 1), com a quantidade de turmas trabalhadas e os depoimentos acima elencados, temos uma ideia do quanto tem sido desgastante e desafiador o trabalho docente em modalidade remota nesses tempos. Para o quantitativo de turmas que professores e professoras estão atualmente trabalhando temos uma variação entre 3 e 15 turmas. Nesse contexto podemos supor que o cansaço, a frustração, as demandas por adaptação e a avaliada baixa qualidade dos processos ensino-aprendizagem estejam na agenda do dia.

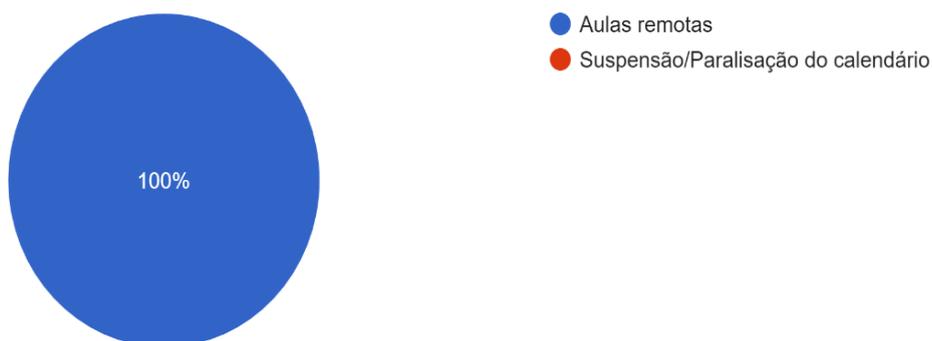
Faz-se necessário aqui, refletir sobre os impactos causados pela carga horária excessiva de trabalho nas condições efetivas de trabalho docente, tendo em vista que o processo de implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE), em todas as esferas educacionais não ocorreu de modo a proporcionar tempo suficiente de conciliação entre a vida pessoal e profissional. Afirma-se isso, pois alguns docentes relatam a intensificação do trabalho com o

advento forçado do ensino remoto, sem acréscimo extra de remuneração e/ou qualificação profissional, que compensasse o trabalho em casa.

Gráfico 2 – Cenário de pandemia e opção de ensino

Diante do cenário imposto pelo COVID-19, como a instituição de ensino que você trabalha optou em atuar?

6 respostas



Fonte: Gerado pelo Google Formulários – <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

É importante observar alguns aspectos das respostas abertas. A formação e atuação no campo do ensino nem sempre qualificam o profissional para atuar amplamente com tecnologias. O que a pandemia nos trouxe enquanto cenário foi um contexto de desafios que, há quem diga, seja sem volta em termos da onipresença das tecnologias e virtualidades no campo da educação.

Os cenários são desiguais, problemas de acessos, de autonomias sobre os usos da TICs, defasagens, carências estruturais e falta de motivação, ampliando índices de evasão podem ser indicadores dos cenários desalentadores que estamos vivendo hoje na escola. Quando observamos a relação das escolhas por paralisar atividades de ensino nas escolhas ou a escolha por ensino remoto (Gráfico 2) e o uso das Tecnologias da Informação e comunicação (Gráfico 3) temos elementos, no que revelam os dados iniciais, para entender que o ensino remoto foi uma escolha que não encontrou pleno adesão. Mesmo que metade da amostra tenha mostrado que possui boa relação com as TICs, boa parte da outra metade da amostra aponta relações de desqualificação dos usos desses meios.

Nesse sentido poderíamos questionar sobre por onde caminhou a decisão pela escolha do ensino remoto, que natureza de representatividade os argumentos em contrário tiveram, como se deu no dia-a-dia das plataformas remotas de ensino a relação docentes-discentes,

docentes-tecnologias. É preciso construir essa dimensão crítica quando se trata de um contexto de limirridade como esse em que estamos vivendo.

O ensino remoto se constitui como uma temporalidade em que o ambiente da sala de aula tornou-se não apenas um campo de construção de conhecimento, mas também de cenários de experimentação, de provas diárias para quem o vivencia, seja na clareza crítica em entender que isso que estamos vivendo é-pode ser passageiro, ou diante do cotidiano que se coloca em difícil equalização sobre quais estratégias desenvolver diante desses mesmos desafios, o que temos ainda é presente e desafiador a respeito do foi decidido, entre continuar processos pedagógicos ou paralisar atividades.

Sobre esse ponto, quando questionados sobre **como avaliam a tomada de decisão pelo ensino remoto**, as falas seguem caminhos que se encontram e se afastam:

“Subordinada às Seed³, defendemos a volta às aulas só após a vacinação dos professores.”

“Acertada. O processo de ensino-aprendizagem é mais complexo, porém ao logo do ano a adaptação à modalidade foi se aperfeiçoando. Lógico que nem todas as instituições, sobretudo, as públicas, possuem a estrutura necessária para o professor ministrar essas aulas de maneira remota.”

“Avalio como a mais provável e possível.”

“Certa e sensata.”

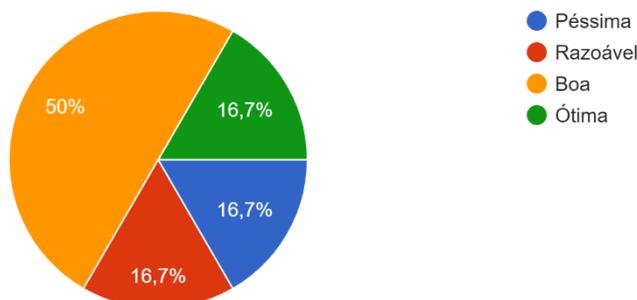
“Todos estamos em aprendizagem.”

“A escolha da instituição de ensino, foi muito dificultado pela referência do ensino remoto, perante ao meio de comunicação e do acesso a ensino das comunidades de ensino básico, por falta da internet para os alunos da cidade e das comunidades distante.”

³ A Secretaria de Estado da Educação (Seed) do Amapá.

Gráfico 3 – Usos e autonômias das Tecnologias da informação e Comunicação

Como você considera sua relação com as TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação)?
6 respostas



Fonte: Gerado pelo Google Formulários – <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

As respostas iniciais da pesquisa mostram um cenário de vivências e percepções que nos permite problematizar sobre aspectos da comunicação entre os agentes do processo e as tecnologias, mas não devemos entender como uma cena ampla onde impera uma dualidade, gente versus máquina. Mas é possível observarmos os encaminhamentos dos processos comunicacionais, sua gestão, que por vezes mostra-se mais dramática, por vezes entendida com maior equalização ou abertura. Sobre o questionamento de **qual foi o tipo de suporte formativo disponibilizado para você por sua equipe pedagógica?**

“Nenhum”.

“Constantes formações ao professor para aprendizagem de ferramentas que melhorem e facilitem o processo.”

“Canal de comunicação sempre aberto.”

“Horários das aulas, informações das dificuldades dos alunos com relação a internet, informações sobre ausências dos alunos, comunicado de alguma situação passado pela direção e SEED.”

“Pelas redes sociais: Facebook, whatsapp e ligações entre professor e coordenação pedagógica.”

Podemos ainda elencar outros resultados quando a questão é: **qual suporte formativo você consideraria indispensável nesse período de aulas remotas?**

“Seria necessário o acesso aos recursos tecnológicos e rede web pelos alunos e alunas. Com o ensino de informática básica.”

“Internet.”

“Saber como o professor está lidando com as aulas remotas. Quais suas dificuldades, como está sendo o seu trabalho. Se precisa de algum apoio. Saber como os alunos

estão acompanhando as aulas. Como poderiam ajudar para o professor melhorar suas aulas remotas.”

“Cursos tecnológicos.”

“Ligação e redes sociais: WhatsApp.”

Sobre esses dois conjuntos de respostas podemos observar que há um aprendizado sobre os processos e a construção de relações com pessoas e tecnologias que, certamente, não fosse a pandemia não estaríamos vivendo de forma tão aguda. Foi preciso, é preciso aprender a comunicar-se com seus pares, aperfeiçoar esses encaminhamentos, nem sempre com êxito. É de destacar que a relatoria de dificuldades no cotidiano das atividades pedagógicas, a necessidade de vias de mão dupla na comunicação da gestão do ensino é algo esperado. O que diz algumas falas: precisamos aprender, mas precisamos de condições materiais para realizar um aprendizado que exige não somente do conhecimento para manipular a tecnologia, mas esse próprio ferramental para fazer acontecer o que se espera. E como estão as condições dos outros sujeitos sociais que participam, o alunado? Quais são as dificuldades desses públicos? Como estão estabelecendo relações com mais esse desafio: a relação com conhecimentos, por meio de dispositivos até então nem tão conhecidos assim, de uma maneira diversa? Mas é possível ainda observar outro aspecto, um aprendizado prévio de certa forma importante, a manipulação e presença das redes sociais. Se antes havia certo desconhecimento ou mesmo repulsa sobre o uso das redes sociais (whatsapp, Facebook) parece que esses meio se tornaram ferramentas potenciais em alguns momentos nas trilhas pedagógicas em meio a pandemia.

Ainda que não devam ser vistos somente como recursos que em grande medida tornam mais práticas certos aspectos da vida cotidiana, é preciso ter atenção sobre esses mecanismos no imaginário e na práxis pedagógica.

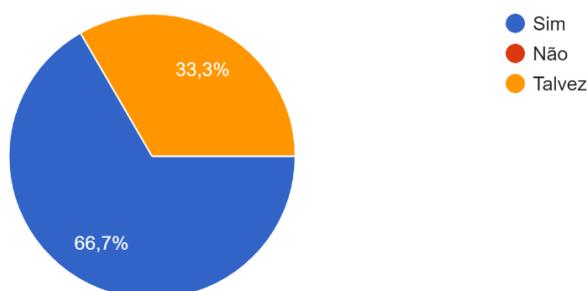
Aquilo que as falas mais acima despontam poderia ser problematizado sobre os aspectos do porque do ensino remeto ser o recurso em voga. A impossibilidade das aulas presenciais nos legou a estranheza da convivência (quando há condições estruturais como computador, celular, sinal de internet, conhecimentos para trabalhar com esses recursos), num mundo onde nos vemos mais e mais por meio de um ecrã, uma tela. Isso é desdobramento do distanciamento social, tão polemizado por parte da sociedade, medida adotada em contextos de franca convivência de proximidades e contatos. Se não podemos ainda voltar ao ensino presencial, por falta ampla e irrestrita de recursos de vacinação, o distanciamento social, refletido pelo ensino remoto, deveria ser encarado como a única alternativa viável, mas o Gráfico 4 revela um TALVEZ enquanto resposta que pode incomodar. Mesmo que 66,7% das

respostas apontem a favor do ensino remoto, ainda temos resistências? Talvez esse ponto peça um aperfeiçoamento da peça de enquete para aprofundamentos das respostas...

Gráfico 4 – Sobre a escolha do ensino remoto

Você considera que o ensino remoto seja a melhor alternativa nesse momento de distanciamento social? Comente a alternativa escolhida.

6 respostas

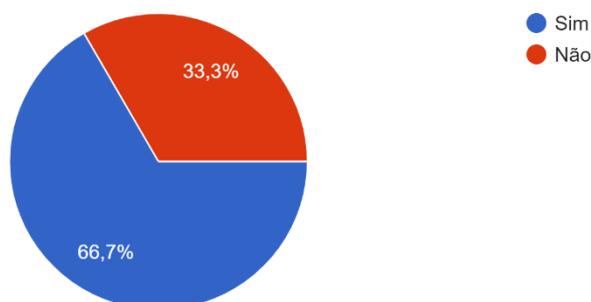


Fonte: Gerado pelo Google Formulários – <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

Gráfico 5 – Sobre suporte para uso das TIC's

Frente ao cenário atípico, ocasionado pelo COVID-19, você está recebendo suporte formativo da sua equipe pedagógica?

6 respostas



Fonte: Gerado pelo Google Formulários – <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

Importante observar alguns aspectos sobre a formação e atuação no campo do ensino, onde nem sempre a qualificação do profissional para atuar amplamente com tecnologias é privilegiada. O que a pandemia nos trouxe enquanto cenário foi um contexto de desafios, não há dúvidas. E isso é importante encarar uma realidade que já mostra diferenças não somente de acessos, sobre quem consegue ter um sinal de internet para acompanhar aulas, fazer pesquisa (nas ausências da biblioteca da escola, quando existe) ou mesmo tendo um computador ou, no mínimo, um celular.

Mas é urgente não perder de vista a dimensão humana nesse amplo contexto de tensionamentos. Quando 33,3% (Gráfico 5) das respostas se **está recebendo suporte**

formativo da sua equipe pedagógica, dizem não; como estão ocorrendo os processos pedagógicos quando surgem problemas com tecnologias ou fluxos de informação, ou ausências de meio de comunicação? Quando 16,7% (Gráfico 6), são questionados **sobre se considera preparado (a) para atuar no ensino remoto**, dizem possuir pouca preparação para as atividades em ensino remoto, isso repercute, certamente, em termos não somente práticos, mas diante da rotina mental desse professor e professora que se encontra, certamente sem apoio.

Relacionando os dados dos últimos Gráficos (5 e 6) apresentados no texto e os relatos da questão sobre Condições de trabalho e ensino remoto temos um panorama inicial com outras cores:

“Ruim, não há acesso pela maioria dos alunos e não há qualquer incentivo aos professores, sendo que estes têm que tirar do próprio salário para manter suas condições profissionais.”

“Não possuo em minha casa um estúdio, mas creio que o espaço que possuo é a contento para ministrar minhas aulas.”

“Minhas condições de trabalho são razoáveis. Geralmente, tenho que arcar com a parte física, computador, energia e internet. Nesse ponto, é visto que temos de arcar sozinhos.”

“Adaptei em meu quarto um espaço para desenvolver as aulas. Foi um investimento em escrivaninha, cadeira, melhorar o computador, uma internet melhor.”

“Foi formado um grupo de Whatsapp para cada ano. Grupos grandes, difícil atender a tantos alunos pelo celular, tô desenvolvendo uma LER na mão.”

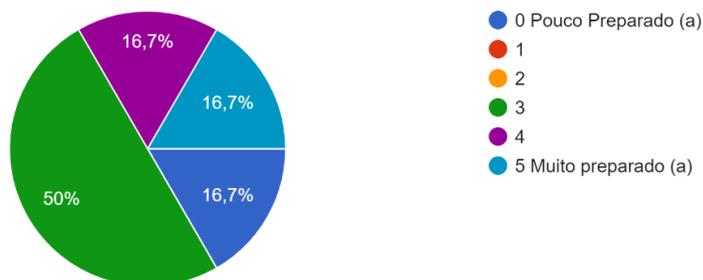
“Dificuldade em lecionar as aulas via remoto, pouco acesso a aula mediante aos alunos e travessia de atividade para os alunos da comunidade.”

Gráfico 6 – Autoavaliação para trabalho remoto

Em uma escala de 0 a 5, o quanto você se considera preparado(a) para atuar no ensino remoto?

Justifique a alternativa escolhida.

6 respostas



Fonte: Gerado pelo Google Formulários – <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

O exercício da profissão de educar hoje demanda adesão a um pacto de divisão de responsabilidades que não somente repercute na gestão compartilhada do já conhecido ser professor como profissão de fé, mas na gestão de imprevisibilidades ocasionadas pela pandemia. E nisso o aspecto material, o investimento financeiro para fazer dar certo, a exigência de aprender a aprender são realidades inegociáveis.

Sobre os três últimos questionamentos da peça divulgados por meio do Google Formulário, o que temos é um apanhado geral de certa melancolia. Quando tratando sobre relatos de experiência acerca dos **Processos de Ensino e de Aprendizagem**:

“No início, os alunos eram participativos. No decorrer do processo, as aulas remotas foram se esvaziando ao ponto de apenas 1 ou 2 alunos ficarem online. Uma situação que apresenta diversas hipóteses: - comodidade de poder acessar essas aulas em outro horário, uma vez que elas ficam disponíveis em diferentes plataformas; - falta de preparo do professor na produção de conteúdo midiático que prenda a atenção do aluno; - Muitos alunos alegaram a necessidade de trabalhar por conta da diminuição da renda familiar. A evasão foi tão significativa, que a escola teve a necessidade de tentar resgatar esses alunos no final do ano letivo, através de seguidas chances de recuperação.”

Sobre **avaliação da aprendizagem**:

“Os alunos que permaneceram durante todo o processo, alegaram pouco aprendizado. Uma vez que eram acostumados à explicação física dos conteúdos, e não eram habituados ao uso das redes para tirar dúvidas ou questionamentos.”

“Além do uso do Google Meet para aulas, utilizo o whatsapp, e-mail e a plataforma Sigeduc⁴ para realizar atividades e as avaliações dos alunos.”

“Mecânica, não tem como saber se realmente aprenderam.”

Sobre **o que a profissão docente tem lhe ensinado enquanto professor(a)/ pessoa?**

“Tem ensinado que a última das prioridades dos governos é a educação, ensinado que os professores são super explorados com número excessivo de turmas sem remuneração condizente com a realidade de suas necessidades. Quem ainda garante uma experiência em educação é a relação entre professor e aluno(a).”

“A ser mais paciente e compreender que todos possuímos deficiências, que nossos alunos precisam de acompanhamento mais próximo por parte dos pais, sobretudo aos aspectos psicológicos de nossos alunos, mas também da sensibilidade do professor para perceber nos alunos esses problemas.”

⁴ Sistema Integrado de Gestão da Educação, plataforma virtual de ensino utilizada pela Secretaria de Estado da Educação do Amapá.

“Um ensinamento que serve pros tempos comuns: o profissional da educação é subvalorizado. A educação só é prioridade no papel. Não existe um plano macro em longo prazo, somente algumas mudanças de acordo com os interesses dos mandatários do momento.”

“Que as aulas remotas não podem ser desenvolvidas na mesma proporção das aulas presenciais Compreender as dificuldades de acesso dos estudantes.”

“Que somos indispensáveis.”

“O ensinamento nesses tempos de pandemia, está sendo muito complicado para nós, como professores da rede pública e privada de ensino básico, além disso, a própria solidão e às vezes depressiva uma má atuação na educação nos tempos atuais do nosso ensino.”

A pesquisa é um caminho para conhecimentos e processos. Os relatos apontam os já tão mencionados desafios, mas vão além, demonstram, ainda que melancolicamente, a ligação desse professorado, nas duras penas que o aprendizado impõe, em superações, conhecimentos de limites, não devem ser romantizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos de considerações, pode-se afirmar que este estudo é de grande relevância, tendo em vista que busca-se apresentar como se desenvolvem as atividades de trabalho dos/as professores/as de Sociologia em Macapá-AP, no período de caos social, de saúde, político, económico e, evidentemente, educacional.

Assim, entende-se a necessidade de problematizar sobre os efeitos desse cenário pandêmico para a vida profissional desses/as professores/as, haja vista que a pandemia trouxe a condição de tragédia tanto para a vida individual desses/as trabalhadores/as, como para o meio social e educacional e que convivem.

Entende-se, portanto, que diante de um tempo de incertezas e em aproximação com outras realidades e contextos sociais, a contribuição dessa pesquisa vem somar-se com outros tantos resultados investigativos que já são públicos em meios os mais diferentes, e contextualizar os alcances e desdobramentos da pandemia na realidade de uma capital do norte do Brasil é termos mais elementos para identificar e reconhecer os dramas e estratégias desses profissionais de Sociologia. E num lance presente, numa mirada o mais próximo possível de um futuro que ainda não sabemos qual será, tendo esses depoimentos, que ao mesmo tempo podem refletir os pesares do nosso tempo, mas, de alguma forma, refletem esperanças de um novo tempo de menos angústias e precarizações.

Considera-se, portanto, que o trabalho do/a docente de Sociologia, em tempos de pandemia da doença COVID-19 e suas variantes na Amazônia brasileira, tornou-se um trabalho precarizado, no sentido de intensificação do trabalho, de agravamento das condições de adoecimento mental, devido aos estresses e pressões, ocasionados muitas vezes por conta das ausências de treinamento/qualificação adequada para o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, que viraram ferramentas necessárias e obrigatórias ao trabalhador/a docente em tempos de isolamento social e advento do trabalho virtual.

Nesse sentido, percebe-se o cenário de trabalho caótico, em que o/a professor/a de Sociologia, assim como em outras ciências, se propõe a lutar não apenas pelo direito à educação – e de educar –, porém, luta também por se manter forte em meio ao caos estabelecido por uma doença que vitima à beira de 606.679 (seiscentos e seis mil, seiscentos e setenta e nove) mortes no Brasil, conforme o Painel Coronavírus, atualizado em: 27/10/2021 19:50, segundo informa o site do Governo Federal (<https://covid.saude.gov.br/>). Dessa forma, fazendo com que esses/as professores sejam vistos para além de trabalhadores/as, mas sobreviventes em tempos sombrios.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Elaine Jesus; FARIA, Denilda Caetano de. Educação em Tempos de Pandemia: lições aprendidas e compartilhadas. **Revista Observatório**, v. 6, n. 2, abril-junho, 2020, e2447-4266. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345212759Artigo_educacao_em_tempos_de_pandemia_licoes_aprendidas_e_compartilhadas Acesso em: 06 abr 2021.
- ANTUNES, Ricardo. Trabalho. *In: Dicionário de trabalho e tecnologia* / Antonio David Cattani & Lorena Holzmann (orgs.) ; 2. ed. rev. ampl. – Porto Alegre, RS: Zouk, 2011. p. 432-437.
- BASSO, Itacy Salgado. Significado e sentido do trabalho docente. **Cad. CEDES** [online]. 1998, vol.19, n.44. ISSN 0101-3262.
- CAPONI, SANDRA. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 34, n. 99, pág. 209-224, agosto de 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142020000200209&script=sci_arttext. Acesso em: 02 abr 2021.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estruturação econômico-social capitalista** / Gaudêncio Frigotto. – 9. ed. – São Paulo : Cortez, 2010.

GODINHO, Luis Flávio Reis. **Sentidos do trabalho docente** / Luis Flávio Reis Godinho. – Cruz das Almas/BA : UFRB, 2019.

MARX, Karl. O processo de trabalho e o processo de valorização. In: **O Capital: crítica da economia política: livro I – O processo de produção do capital** / Karl Marx; tradução Rubens Enderle. – 2. ed. – São Paulo: Boitempo, 2017, p. 255-304.

OLIVEIRA, Mariana Esteves. **“Professor, você trabalha ou só dá aula?”: o fazer-se docente entre história, trabalho e precarização na SEE-SP**. Dourados, MS: UFGD, 2016.

SOUZA, Kátia R. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, e00309141. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-77462021000100401&script=sci_arttext. Acesso em: 02 abr 2021.

SOUZA, Elmara Pereira de. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**. Ano XVII, v. 17, n. 30, jul-dez, 2020, e23581212. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127> Acesso em: 06 abr 2021.